

Ulysses enfrenta sua hora da verdade



O discurso de despedida de Ulysses Guimarães, se criou emoção, abriu espaço para o que seu companheiro de chapa, Waldir Pires, chama de momento de reflexão. Emoção pela limpidez de uma peça literária e um depoimento político e humano de boa qualidade. Reflexão pelo que põe na mesa como dados históricos de uma mobilização nacional, na qual teve papel tão destacado, para remover o regime militar e devolver ao país o gozo das liberdades civis. O papel de Ulysses foi realmente relevante, sobretudo a partir de 1970, quando assumiu o comando do MDB que então pensava em se auto-extinguir e já, quatro anos depois, surpreendia a nação com esplêndido desempenho eleitoral para o qual sem dúvida contribuiu a campanha dos anticandidatos a presidente e vice-presidente da República, em cujo curso ele e Barbosa Lima Sobrinho correram o país como bravos pioneiros de uma reação que a partir de então foi se adensando.

O MDB foi crescendo, ampliando seus quadros não só pela adesão a ele dos revolucionários desiludidos da luta armada como pela soma dos que esgotavam seu tempo de colaboração com os fardados salvadores da pátria e se dispunham a ajudar a restaurar as instituições. As pressões populares e eleitorais foram induzindo o próprio sistema, no qual algumas personalidades sinalizavam a hora da mudança na perspectiva de inevitável diástole, a desenvolver estratégias de abertura que iriam evitar confrontos difíceis entre a nação e seus tutores compulsórios. A pregação e a coragem de Ulysses e outros pioneiros foram decisivos no desfecho de um processo previsto mas dificultado pela persistente reação dos bolsões radicais.

O desfecho todos sabem e, se provocou satisfações e resultados efetivos como a devolução das liberdades públicas e a restauração da ordem constitucional, não deixou de gerar desencantos. A nação continua carente e órfã, com uma inflação sufocante, um padrão de vida declinante e uma ansiedade generalizada gerada pelas frustrações e o bloqueio de suas esperanças. O PMDB, que foi a vanguarda do que aí está, o foi nos dois sentidos, o de ter promovido a reconstitucionalização e a ampliação dos direitos do cidadão e o de não ter sido eficaz na implantação e na operação, nos estados e em Brasília, de governos habilitados a resolver as questões imediatas, suavizando pelo menos as brutais carências da população.

Pelo que deixou de fazer é que o partido pagou. O desprezo do eleitorado o associou, e ao PFL, ao governo, ao governo como um todo, no qual nem o presidente da República nem qualquer dos governadores comanda a opinião pública e lhe aponta rumos para a sucessão. Não adiantou a tentativa de escapar às suas responsabilidades. O povo já o tinha julgado e, se houve injustiças, isso fica para ser reparado na voz da história. É lamentável que um cidadão prestante como Ulysses Guimarães encerre com melancolia, embora não sem grandeza cívica e bravura pessoal, sua hora de liderança. Ele resistiu na medida das suas forças, opondo-se ao diagnóstico dos 11 governadores do PMDB que o advertiram da resistência das bases em sufragar seu nome. O diagnóstico estava correto, mas Ulysses preferiu desafiá-lo a ir às urnas confiante em que sua presença, o acervo do partido e seu papel de 1970 até 5 de outubro de 1988 seriam identificados pelo partido e pelo povo.

O comandante correu os riscos e assumiu decisões que implicavam agravar esses riscos. Ele concordou, ao pactuar com a esquerda do PMDB, em dividir o partido e deixou de lado velhos companheiros que se recusavam a se dissociar do governo Sarney no qual ocupavam postos em função do prestígio adquirido nos pleitos eleitorais como soldados e líderes do PMDB. A sectarização inviabilizou seu acesso ao segundo turno eleitoral, o qual poderia lhe dar a oportunidade da reabilitação necessária para disputar o governo da República centenária. Ulysses, que é um cívico e não um líder popular, imaginou que a Constituição elaborada sob sua presidência alcançaria a alma popular pelo elenco de direitos e garantias que incorporou. Mas, ao lado disso, a Carta acolheria também pleitos de interesses patrimoniais e de conflitos de classes que iriam dificultar sua execução. Os problemas imediatos não foram atendidos, são questões de governo não resolvidas e para resolvê-las o PMDB nada fez.

O *Senhor Diretas*, o herói das jornadas pela reconquista da democracia, encerra sua participação na hora crucial de colher os frutos, desajudado do partido e dos que, beneficiários da nova ordem, foram mais sensíveis à própria fome e à própria insegurança do que aos sonhos inscritos na *Constituição-Coragem*, na *Constituição Cidadã*.

Carlos Castello Branco